

BRUXOS E MAGOS*

Fábio Leite**

RESUMO: Este trabalho está relacionado com um tipo específico de abordagem da problemática da possessão e da feitiçaria em sociedades negro-africanas, permitindo situar a questão em nível material e concreto que transcende o enfoque meramente religioso ou psicológico. Essa abordagem envolve necessariamente a noção de pessoa tal como se formula no quadro de valores civilizatórios da África profunda e o chamado princípio vital de animalidade e espiritualidade em sua configuração de "duplo" ou "sombra".

UNITERMOS: Elementos vitais materiais e sociais. Forças vitais. Noção de pessoa. Progressão da personalidade. "Duplo" ou "sombra". Possessão. Feitiçaria. "Comedores de alma". "Bruxo". "Mago".

Em trabalho¹ anterior, ficou evidenciado que o homem negro-africano de sociedades agrárias da África ocidental constitui uma síntese de elementos vitais naturais e sociais em interação dinâmica permanente a qual, enquanto perdure, faz configurar a existência visível. Em resumo, os elementos vitais naturais são o corpo, o princípio vital de animalidade e espiritualidade, bem como, o princípio vital de imortalidade. Já os elementos vitais sociais são constituídos pelo nome, socialização com suas etapas iniciáticas e, finalmente, ritos funerários. Ficou estabelecido ainda que a sociedade possui consciência ótima dessa concepção de ser humano e exerce ações eficazes sobre a progressão da personalidade total em situações históricas diferenciais, estabelecendo princípios extremamente precisos de socialização e de inserção dos indivíduos na sociedade segundo sua identidade mais decisiva. O homem negro-africano

* Comunicação apresentada na sessão do Grupo de Trabalho "Possessão e Conversão" do Congresso Internacional Escravidão. S. Paulo, junho/88.

** Centro de Estudos Africanos da USP

(1) LEITE, Fábio. *A questão ancestral* (Notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas: Ioruba, Agni, e Senufo). Tese de doutoramento, FFLCH/USP. S. Paulo, 1982. (mimeo)

aparece, assim, como uma estrutura vital natural e social em processo permanente.

Um desses elementos vitais – o princípio vital de animalidade e espiritualidade e, particularmente, sua manifestação sob a forma de ‘duplo’ ou ‘sombra’ – está crucialmente ligado à problemática em causa, o que justifica a importância aqui atribuída a ele.

Esse elemento aparece como princípio vital, energia de origem divina doada pelo préexistente, elemento catalizador e distribuidor de energias vitais, elemento caracterizador da existência visível e animada em um ser. É de certa maneira considerado inestinguível e com o fim da existência visível – processo que se evidencia quando os elementos vitais se desorganizam e separam-se – passa a animar um novo corpo ou reintegra-se à sua massa originária de maneira menos ou mais indiferenciada.

Uma característica fundamental desse princípio é sua capacidade de individualizar-se fortemente, manifestando-se então sob as formas antes citadas, ‘duplo’ ou ‘sombra’. Nessa condição específica, formula-se como elemento extremamente dinâmico, podendo ter sua vitalidade aumentada ou diminuída por fatores de auto-domínio e de socialização ou seus contrários, pouco ou nenhum auto-domínio, socialização incipiente ou inexistente. É quando, caso fragilizado, torna-se particularmente atingível e apropriável pelos agentes altamente especializados na manipulação de ‘duplos’, os chamados ‘comedores de alma’ ou ‘bruxos’, aos quais se opõem institucionalmente os ‘magos’.²

Princípio de vida, imperecibilidade, princípio dinâmico, elemento passível de socialização e domínio, energia que aumenta ou diminui, vitalidade apropriável, são fatores que aproximam o ‘duplo’ das práticas sociais e estabelecem sem dúvida a ambigüidade de que se reveste na África negra. De fato, essa configuração desconcertante do ‘duplo’ apareceu objetivamente em pesquisas realizadas por Thomas, onde as opiniões dividiram-se fortemente: a possibilidade de sua destruição atingiu 50% de respostas afirmativas e para os outros 50% a proposição de destruição parcial chegou a 9% e a de nenhuma destruição a 41%.³

(2) Adotamos os termos ‘comedores de alma’, ‘duplo’ e ‘sombra’ por questões práticas e a contra-gosto. Seria difícil utilizar em um trabalho genérico relacionado com várias sociedades os termos respectivos existentes em línguas africanas, como é o caso também de ‘bruxos’ e ‘magos’.

(3) THOMAS, Louis-Vincent. *Cinq essais sur la mort africaine*. Dakar, Publications de la Faculté des Lettres et Sciences Humaines, Université de Dakar, 1968. Ver também, do mesmo autor: *Le pluralisme cohérent de la notion de personne en Afrique noire*, in *La notion de Personne en Afrique noire*. Paris, CNRS, 1973.

Nesses números deve estar contida a proposição de que o ‘duplo’ é aniquilável em relação ao indivíduo isolado, quando se caracteriza a destruição total, mas não o é no processo de sua apropriação, continuando a existir ainda que despojado de sua configuração originária, aparecendo então as propostas de destruição parcial e de nenhuma destruição.

A questão do ‘duplo’ e suas relações com a possessão e a feitiçaria na África negra indica a oportunidade de que algumas outras considerações sejam apresentadas. Começemos pelo auto-domínio do ‘duplo’, utilizando dados por nós obtidos em pesquisas de campo realizadas em Gomon e Ores-Krobou, localidades da Costa do Marfim, país da África ocidental, habitadas respectivamente pelos Abdji e Aboudé.

Em Gomon ocorre periodicamente uma celebração de múltiplos objetivos conhecida pelo nome de ‘Dipri’, que envolve toda a comunidade e ao longo da qual excepcionais demonstrações de ‘força’ podem ser observadas, ao nível individual e coletivo. Convém objetivar que utilizamos a palavra ‘força’ para referir à possibilidade de auto-domínio e exteriorização de energias vitais intrínsecas ao ser, com interferência ou não de entes sobrenaturais e utilizadas em relação à própria pessoa ou a terceiros. Essa alusão é frequente entre os africanos, nos mais variados contextos. Assim, é comum quiver-se, a propósito de um homem de posses, ou que possua várias esposas e filhos, ou que seja excelente agricultor, contador de lendas e fatos históricos, músico, médico, etc., que ‘ele é forte’. Nesse sentido, as celebrações de ‘Dipri’ são ‘fortes’. ‘Dipri’ está relacionada com os ancestrais fundadores que obtiveram fertilidade da terra, em um momento de extremas dificuldades, através do sacrifício de Bidyo, filho do chefe da família ocupante da área onde se instalou, após o que os membros da localidade sempre se reúnem para celebrar esses ancestrais e esse sacrifício, bem como, as colheitas obtidas. A cerimônia é extensiva aos próprios instrumentos de trabalho e nela a proposição básica é a de que os habitantes de Gomon constituem-se em um grupo coeso, cuja união permite o bem-estar da coletividade. Dessa forma, Dipri é um rito agrário mas também uma cerimônia funerária, destinada a celebrar Bidyo e os ancestrais. Marca o fim de um ano agrícola e o início de outro, sendo também um momento de purificação das pessoas e de toda a coletividade, o que é proporcionado por ‘kporu’, divindade aquática protetora de Gomon, que habita o riacho sagrado do mesmo nome. Mas ‘Dipri’ é também o momento em que a ‘força’ dos habitantes de Gomon deve ser exteriorizada, sob o patrocínio de ‘Kporu’, pois que na ocasião do sacrifício de Bidyo, foi selado um pacto com a terra ocupada na ocasião, tendo os Abdji recebido a herança ancestral de dominar um tipo específico de ‘força’, como se verá adiante.

Chegamos a Gomon na tarde do dia anterior ao evento, pois já sabíamos que nesse dia a estrada que corta a floresta e dá acesso à localidade é fechada perto dos limites principais ao cair do sol, no sentido oeste-leste, de onde vínhamos. Esse fato é devido à proposição de que o oeste é o lugar em que

habitam os mortos e quem deseje participar de 'Dipri' deve chegar, se vier do oeste, até o momento aprazado, evitando-se assim que essas pessoas sejam acompanhadas de 'forças' não pertencentes à comunidade. Após as apresentações de praxe, inclusive ao guardião da terra, venerável pessoa com mais de cem anos de idade, pudemos permanecer em Gomon.⁴ Grupos de jovens – moças e rapazes organizados por grupos de idade – percorriam os espaços principais de Gomon, correndo e cantando refrões alusivos ao acontecimento, levando nas mãos varas e galhos finos. Segundo um depoimento obtido, esse ato é destinado a convidar as pessoas a participarem do evento, os grupos representam a união e a confraternização e as varas e galhos simbolizam a força e a intensidade que devem marcar as celebrações. Um palanque instalado em local privilegiado abrigava um número significativo de tambores, inclusive o tambor 'Odo', que somente pode ser percutido nessa ocasião sacralizada ou em momentos extremamente graves para a comunidade. Os meninos, sempre atentos, são os encarregados de preparar as varas e galhos, reunindo-se às vezes em pequenos grupos a fim de também declamar e cantar fatos importantes da história de Gomon e de seus ancestrais, como no caso da pequena canção que um deles nos deixou registrar e que, de acordo com sua própria tradução diz que 'Dipri' é "... uma coisa antiga, uma coisa dos antepassados, não é uma coisa de hoje". Por volta da meia-noite o silêncio caiu sobre Gomon, mas pudemos ouvir ao longe uma ou outra exclamação, às vezes um breve toque de tambor pequeno, em surdina. Soubemos depois que se tratavam das mulheres mais velhas que, na noite, dedicavam-se a expurgar a localidade de forças negativas. Ainda muito cedo ocorreu um sacrifício no riacho sagrado, constituído da oferenda de um galo e de um ovo destinado a 'Kporu'. O acesso a esse espaço nos foi vedado para a ocasião, mas diz-se em Gomon que nesse dia, e somente nele, é possível encontrar-se e apanhar caulim do riacho 'Kporu' a fim de ser utilizado durante as solenidades que ocorrem depois. Após o sacrifício o tambor 'Odo' passou a soar de vez em quando, convidando para o início de novos atos. Os chefes de família, reunidos com vários de seus membros, devem então dirigir-se ao riacho sagrado. Nós pudemos ver vários desses grupos formando cortejos, as pessoas vestindo roupas brancas, dirigindo-se de forma solene para o local, precedidos de uma pequena orquestra constituída de tambores individuais, sinetas e instrumentos de corpo chamados 'kroko', feitos com presas de elefante. A música, principalmente os sons dos 'Kroko', servem para advertir as divindades de Gomon da chegada ao riacho. Ao seu retorno, pintadas então com caulim, várias pessoas já se

(4) Desejamos agradecer nossos informantes de Gomon e Ores-Krobou, inclusive a Adjo Boniface, de Gomon, que substituiu seu pai na zeladoria do riacho sagrado onde habita 'Kporu', a divindade regente das manifestações de 'Dipri'. Agradecemos também a atenção e hospitalidade dispensadas.

encontravam tocadas pela energia de 'Kporu', tendo caído em transe. Após o retorno à localidade, os chefes dessas famílias fazem oferendas de inhamé a seus ancestrais e as manifestações públicas de "força" têm início. Os tambores de fala – 'Attungbanye' –⁵ começam a saudar os presentes, as divindades e ancestrais, juntando-se a 'Odo' e outros tambores, estabelecendo um ritmo às vezes hesitante às vezes vertiginoso, que é mantido praticamente durante toda essa parte das cerimônias. É ao som desses tambores que as pessoas iniciadas nos segredos de 'Dipri', os homens sobretudo, provocam ferimentos a faca em si mesmas e os fazem fechar em seguida. Os golpes são dirigidos na maioria das vezes contra o ventre, mas atingem também outras partes do corpo, conforme nossa documentação fotográfica. Segundo afirmado, 'Kporu' estabeleceu que as mulheres, devido à função materna, não devem se ferir no ventre. Entretanto, observamos e fotografamos uma mulher que, encostando-se no grande tambor 'Odo', costurou a língua diversas vezes e depois a exibiu para mostrar a ausência de ferimentos. Aliás, é possível afirmar que o objetivo básico é o de fazer cicatrizar os ferimentos, se bem que as lâminas penetrem até dois ou mais centímetros no corpo. Os cortes são tratados, ao que podemos observar, com uma mistura de ervas, caulim e ovo cru, que é aplicada pela própria pessoa ou por terceiros, às vezes com a boca estancando-se o sangue e fechando-se o corte a seguir, o que vimos acontecer inúmeras vezes e é do conhecimento geral. Um homem entrevistado no momento mesmo dos acontecimentos mas que não estava praticando esses atos, declarou-se capaz de não apenas fazer o mesmo como também de transformar-se em pantera. Outro acrescentou que tinha o poder de cortar o próprio sexo e depois de reimplantá-lo sem nenhum dano, enquanto um terceiro afirmou que poderia dar-se tiros de espingarda na axila esquerda sem maiores problemas. Tudo foi entusiasticamente confirmado por um grande número de pessoas – formam-se grupos, às vezes muito numerosos, para observar as demonstrações que rodeavam entrevistador e entrevistados num diálogo sobretudo difícil devido ao ruidoso clima de excitação e euforia como também, por causa dos tambores. Outra testemunha, velho iniciado nesses segredos, afirmou-nos que 'antes' essas coisas, que realmente acontecem em Gomon, eram muito mais extraordinárias. As demonstrações continuaram até por volta das quatorze horas, quando foram cessando até haver uma pausa. Depois desta tiveram início as demonstrações coletivas, que se constituem essencialmente no confronto de poderes: os iniciados dos quarteirões 'Ente' e 'Loa', que tradicionalmente se dedicam a competições mágicas ao longo de 'Dipri', organizam-se em dois grupos oponentes, um em cada extremo da rua principal da

(5) Segundo as proposições negro-africanas, os tambores de fala abrangem mais fatores do que a percussão e o ritmo: eles são destinados a transmitir sua própria palavra e, assim, não devem ser vistos apenas como veículos transmissores de sons e códigos.

localidade. Esses grupos devem caminhar, sob o comando de seus chefes – os seus ‘homens mais fortes’, os ‘Soponyire’, que ocupam esses cargos institucionalmente – um em direção ao outro, franqueando as barreiras, obstáculos, animais fantásticos e toda espécie de perigo que são então criados por ambos os lados e que se oferecem à visão dos iniciados. Fatalmente um dos grupos é vencido, embora nem sempre isso seja aceito pacificamente. Terminada a prova, vencedores e vencidos desfilam triunfalmente por Gomom conduzidos por seus líderes, reúnem-se sob a árvore sagrada da localidade ao som dos tambores que para ali são trazidos e executam a dança ‘Ambra’, a única que pode ser vista em Gomom nessa ocasião. Finalmente, ocorre um ato de purificação geral do riacho ‘Kporu’ onde todos se lavam. Depois a comunidade passa a aguardar a purificação da própria terra, que é feita pela chuva, sob a qual deixamos Gomom e os amigos que ali fizemos.

As mesmas demonstrações de ‘força’ foram vistas em Ores-Krobou, localidade vizinha a Gomom, por ocasião de celebrações do mesmo tipo e que ocorreram na mesma época. Nessa ocasião, inúmeros atos dessa espécie puderam ser observados, principalmente os ferimentos a faca seguidos de cicatrização. Uma pessoa, que nos fora apresentada com o ‘homem mais forte’ de Ores-Krobou fez duas demonstrações espontaneamente. Nós estávamos almoçando com o chefe da localidade e um grande número de pessoas, pois era já o momento da pausa que ocorre por volta das quatorze horas. O velho iniciado aproximou-se com as mãos sobre o ventre, retirou-as e exibiu um corte no qual se via algo saindo de dentro. Disse que se tratava de um pouco de entranhas. Em seguida, empurrou tudo para dentro de si e fechou o ferimento em poucos minutos com a aplicação de um ovo cru e folhas mastigadas que retirou da boca, restando no corpo uma cicatriz de aparência recente. Essa fase foi fotografada, constituindo precioso material de pesquisa. A outra demonstração, feita a seguir e que não pudemos documentar fotograficamente por falta de filme, nos levou muito perto de vislumbrar algo que é fundamental para que se compreenda melhor a materialidade da ‘força’ de alguns iniciados: trata-se de um talismã que se encontra guardado dentro da pessoa, em seu ventre. Esse iniciado, tendo primeiro expulsado lentamente da boca um ovo inteiro, imitando com os lábios os movimentos de postura das galinhas, colocou os dedos na garganta e começou a puxar um fio parecido com um barbante, colocando para fora cerca de 40 centímetros. O fio, completamente esticado, uma das pontas perdendo-se visivelmente na garganta, foi forçado várias vezes para fora, mas não saiu, como se estivesse preso, sendo posteriormente engolido. Com um sorriso vitorioso e alguns passos de dança, o ‘homem mais forte’ de Ores-krobou retirou-se.

A intenção ao apresentar os dados relativos a Gomom e Ores-Krobou não é a de buscar uma análise de seu significado social mais abrangente – enunciado o mais sucintamente possível no início da exposição – mas sim o de registrar alguns aspectos que os relacionam com a problemática proposta pelo ‘duplo’. Com efeito, os atos observados revelam que os iniciados são capazes de

praticá-los quando se encontram em estado de transe. Esse estado é extremamente bem configurado. No dia de ‘Dipri’ a divindade protetora por excelência das localidades faz expandir suas energias, que é capaz de atingir os iniciados, predispondo-os e capacitando-os a, por sua vez, desencadear as forças vitais apropriadas para a ocasião. Para isso, entretanto, os indivíduos devem submeter-se a certos processos iniciáticos que lhes permitem tornar-se capazes de entrar em interação com essas energias. Diz-se então que eles são portadores de ‘Seke’, que é uma força diferencial que os caracterizam, tornando-os os ‘Sekepuone’ da localidade. Para que um ‘Sekepuone’ possa interagir com outras energias e forças, deve fazer aflorar ‘Egeu’, que é um elemento integrante de sua vitalidade e personalidade, capaz de controlar sua ‘força’ e dirigi-la, indicando-lhe, nos eventos de ‘Dipri’, o que deve fazer, quais ferimentos pode produzir em si mesmo e em quais partes do corpo, quais ervas e outros recursos deve utilizar para fazer cicatrizar suas feridas instantaneamente. Quando ‘Egeu’ aflora, o indivíduo passa a ser um ‘Kponpuone’, nome derivado de Kpon’, emissão sonora que procura simbolizar os sacudimentos do corpo ocorridos nos momentos iniciais da manifestação de ‘Egeu’. Dessa maneira, os ‘Sekepuone’, portadores de uma energia vital específica, ‘Seke’, transformam-se em certos momentos nos ‘Kponpuone’, isto é, em ‘homens fortes’ sob o estado de transe propiciado por ‘Egeu’. Esse foi o transe típico observado em Gomom e Ores-Krobou. Tal manifestação específica de exteriorização de energias vitais explica também as transformações que as pessoas iniciadas se dizem capazes de produzir com elas mesmas, como no caso do homem-pantera a que nos referimos: são seus ‘duplos’ – na verdade uma energia vital específica altamente socializada pela iniciação – que detêm essa capacidade. O mesmo ocorre também com relação às barreiras, obstáculos e animais que se manifestam nas confrontações. Jogando com o ‘duplo’, elemento dotado da capacidade de transformação, as visões são criadas e vistas pelos ‘duplos’ dos adversários, que por sua vez criam outras, isto ocorrendo até o desfecho, onde vencem os ‘mais fortes’. Deve ser acrescentado ainda que essa possibilidade de manipulação do ‘duplo’ pode atingir uma instância tão desenvolvida que os ‘homens fortes’, quando em ação, permanecem, ao nível da observação imediata, praticamente em atitude comum – como no caso da pessoa que quase exibiu o talismã que guarda no interior do ventre – em forte contraste com outros indivíduos, cujo estado de transe é mais aparente, marcado pelo enrijecimento do corpo, passos largos e pesados, olhar fixo e distante.

Finalmente, cabe introduzir um outro dado. Embora ‘Dipri’ seja um momento de confraternização de toda a comunidade, constitui-se também em boa ocasião para o exercício de ações nefastas. De fato, ‘Angre’, uma outra energia capaz de ser manipulada por determinados indivíduos que a possuem, pode se manifestar nessa ocasião particularmente especial onde os ‘duplos’ estão soltos:

nada impede que um manipulador de 'Angre', particularmente um 'Angrepuone Hun', considerado como produtor de ações maléficas pela comunidade, onde é agente social muito temido, dirija então sua 'força' para prejudicar um 'Kponpuone' e, vencendo seu 'duplo', acarrete à pessoa visada toda espécie de problemas, como não ser capaz de ferir-se corretamente e escolher quais ervas e outros recursos devem ser aplicados nos ferimentos para cicatrizá-los, provocando a doenças até mesmo a morte caso outros iniciados não percebam o que está acontecendo ou não consigam anular o processo.

Os dados que apresentamos demonstram as qualidades dinâmicas do princípio vital a que chamamos 'duplo' e a possibilidade de seu domínio por parte dos próprios indivíduos. Quando porém o controle do 'duplo' – possibilitado por iniciações específicas – não se torna possível, os indivíduos ficam a mercê daquelas pessoas capazes de expropriá-los, os 'comedores de alma' ou 'bruxos'.

Essa temática remete a outra dimensão do 'duplo', aquela de sua manipulação e domínio em um contexto que envolve o relacionamento de 'força' entre pessoas.

Em primeiro lugar, parece necessário distinguir a figura social dos 'comedores de alma' daquela que institucionalmente se lhe opõe, o 'mago', na terminologia de Rouch⁶.

Na verdade, as duas categorias, 'bruxos' e 'magos', jogam com o domínio de certas forças e energias, sejam as suas próprias, inerentes à sua vitalidade, desenvolvidas ao longo de anos de aprendizado e prática, sejam energias ou forças estrangeiras à sua constituição, como divindades ou seres elementais dos quais se servem. Tanto o 'bruxo' como o 'mago' são considerados 'homens fortes' na comunidade e seus métodos parecem não se diferenciar substancialmente. O que estabelece uma diferença fundamental entre os dois tipos é o papel institucional que desempenham no interior da sociedade. Os 'bruxos' agem em proveito próprio, apropriando-se de 'duplos' alheios a fim de aumentar sua vitalidade ou a pedido de terceiros. São os 'comedores de alma' por excelência. Já os 'magos' dedicam-se a defender a comunidade de toda ação nefasta e a afastar as influências devidas às práticas dos 'bruxos' e às manifestações negativas de divindades e até mesmo de ancestrais, descontentes por inúmeros motivos possíveis. É por isso que o 'mago' tem como um de seus deveres sociais relevantes a purificação coletiva da comunidade em diversas situações. O 'mago' aparece assim como o principal adversário do 'bruxo'. Mas

(6) ROUCH, Jean. Essai sur les avatars de la personne du possédé, du magicien, du sorcier, du cineaste et de l'ethnologue, In *La notion de personne en Afrique noire*. Paris, CNRS, 1973.

nada exclui a possibilidade de que os 'magos' sejam também 'comedores de alma' mesmo que, a nível institucional, essa não seja uma de suas características. Registre-se, aliás, que as duas categorias podem até mesmo manter um relacionamento profissional, ocorrendo a troca, venda e compra de certos conhecimentos específicos e, ainda mais, a participação comum em certos rituais, conforme registra D'Aby entre os Agni⁷.

Um dos pontos comuns existentes entre 'bruxos' e 'magos' é o de que ambos possuem a capacidade de domínio ótimo de seus 'duplos', manipulando-os e acionando-os para a realização dos atos desejados. É assim que o domínio do próprio 'duplo' constitui uma espécie de auto-posseção. Na posseção, o 'duplo' de uma pessoa iniciada nessa arte é, em determinadas fases do processo, substituído por uma 'força' estrangeira à personalidade, como uma divindade que se manifesta ela mesma ou utiliza o seu próprio 'duplo' para tanto. Tal parece ser uma das dimensões mais expressivas do fenômeno da posseção como ela existe na África negra. Já na auto-posseção o 'duplo' do indivíduo é dirigido por ele mesmo. Ao que parece, 'bruxos' e 'magos' utilizam-se desses dois métodos. Mas ambos são, sobretudo, grandes manipuladores de 'duplos'.

O método utilizado para a manipulação do 'duplo' do 'mago' constitui-se, segundo Rouch, baseado em narrativas tradicionalistas dos Songhay⁸, no deslocamento do 'duplo', que é solto e colocado no espaço em relação aos pontos cardeais e em relação com sua 'corrente iniciática', uma peça em metal recebida do iniciador e que é engolida pelo 'mago' que a "...vomitará por sua vez alguns dias antes de sua morte." ⁹ Esse objeto parece constituir-se em elemento que sintetiza a 'força' desses indivíduos, catalizando-a.

Nesse sentido, Rouch cita o fato de que em determinadas circunstâncias, onde ocorre o confronto público desse tipo de poder, os grandes iniciados fazem o objeto sair pela boca. Esse ato constitui momento particularmente perigoso, pois nessa ocasião o 'duplo' da pessoa pode ser subjugado por outro mais 'forte'. Tal talismã é pois elemento que se liga ao domínio do 'duplo', confundindo-se com a própria energia de seu possuidor, razão pela qual é guardado em suas entranhas, onde também se conserva protegido. Esse foi o objeto que estivemos perto de ver em Ores-Krobou, conforme assinalado anteriormente. Ainda mais. Um depoimento que obtivemos em Gomon por ocasião das celebrações de

(7) D'ABY, F.J. Amon. *Croyances religieuses et coutumes juridiques des Agni de la Côte d'Ivoire*. Paris, Editions Larose, 1960.

(8) Ver ROUCH, 1973 e também *La religion et la magie Songhay*. Paris, PUF, 1960.

(9) ROUCH, 1973:533.

'Dipri', deixou estabelecido que a 'força' contida nesse objeto pode ser transmitida voluntariamente por um iniciado de alto nível. Este guarda no interior do ventre um objeto – não foi informado de qual material é feito – que sintetiza sua 'força'. Pouco antes da morte, tendo escolhido seu sucessor dentre aqueles que iniciou, vomita esse objeto que é então engolido por aquele, completando-se assim a transmissão do poder. Aquele que possui esse objeto, pegando-o com a boca no momento de sua expulsão, é senhor de uma 'grande força', tendo o poder de cura mas também o de criar imagens apavorantes e barreiras de todo tipo, sendo capaz ainda de se transformar em pantera, serpente e outros animais. Assim, os dados de bibliografia¹⁰ e os de pesquisa de campo confirmam que nos estágios mais avançados do domínio do 'duplo' há a interveniência de um elemento catalizador e desencadeador de energias que, entretanto, é adicionado à pessoa.

Essas são algumas das características da figura do 'mago'. Quanto ao 'bruxo', Rouch considera que "...está muito perto do mago mas, em lugar de utilizar seu poder para defender ou guiar os outros homens, ele o usa para causar o mal, roubar "duplos" cuja perda acarretará a morte de suas vítimas."¹¹. Referindo-se às técnicas de controle desse princípio vital por parte dos 'bruxos', aquele autor informa que estes conseguem fazê-lo sair pelas axilas ou pelo ânus, permanecendo o corpo em letargia enquanto o 'duplo' vai à busca de outros 'duplos' dos quais, se não forem suficientemente 'fortes', conseguem se apropriar geralmente alterando as condições psicológicas das vítimas através de estratégias, tornando-as mais vulneráveis: o 'duplo' caçador transforma-se em objeto, pessoa ou animal e se a vítima os tocar é imediatamente presa de pânico e perde o controle de seu próprio 'duplo', que é então aprisionado. Existe ainda a possibilidade de apropriação de 'duplos' durante o sono das pessoas, quando aqueles, se incontrolados, saem dos corpos adormecidos e se distanciam. Não estando sob domínio, tornam-se presas fáceis para os 'comedores de alma'¹². Essa mobilidade externa do 'duplo' explica porque às vezes cintilações podem

(10) Ver ainda LAFARGUE, Fernand. *Religion, magie, sorcellerie des Abidji en Côte d'Ivoire*. Paris, NEL, 1976.

(11) ROUCH, Jean, 1973:535.

(12) Entre os Senufo existe o hábito de as pessoas dormirem sobre o lado esquerdo, comprimindo o braço contra o corpo a fim de proteger a axila, por onde o 'duplo' pode sair durante o sono. Essa mobilidade independente do 'duplo' explica também, em parte, os colares, braceletes e outros adereços 'fortes', na realidade utilizados para 'fechar' pontos do corpo considerados 'fracos' em direção ao 'duplo' que deseja escapar.

ser vistas na escuridão da noite: são os 'duplos' de 'bruxos' deslocando-se no espaço à procura de vítimas. Uma vez dominado, o 'duplo' capturado é escondido pelo 'bruxo' – ao que sabemos no interior de um animal – havendo a possibilidade de ser devolvido caso o 'mago', que entra em cena, consiga fazê-lo. Desencadeia-se então, em silêncio, uma verdadeira batalha de forças oponentes que se passa no espaço paralelo dos 'duplos'. Caso o 'duplo' aprisionado seja devolvido dentro de um determinado tempo, a pessoa atingida começa a recuperar suas energias. Em caso contrário, essa força vital é repartida entre o 'bruxo' aprisionador e seus companheiros de feitiçaria que, reunidos em confraria, sacrificam o animal contendo o 'duplo' e o comem, aumentando dessa forma suas vitalidades pessoais. Ou então o 'duplo' é doado à divindade principal do 'bruxo' através do sacrifício do mesmo animal, considerando-se que a divindade torna-se 'mais forte'. Nesses casos, a pessoa atingida não escapa da morte.

Não obstante os 'comedores de alma' dedicarem-se à manipulação e apropriação de 'duplos', podendo ocasionar a morte do corpo e ligando-se fortemente a um tipo específico de feitiçaria, a dimensão mais fundamental que essa figura coloca, juntamente com o 'mago', relaciona-se, no universo das forças vitais, com o domínio, aumento ou diminuição de energias. Na realidade, esses 'homens fortes' procuram, em última instância e com a aplicação de seus conhecimentos, acrescentar à sua constituição vital mais uma parcela da 'força' do próprio préexistente, que em geral é considerado como a fonte primeira doadora da vitalidade humana. É assim que, de certa forma, há uma grande interação entre eles e a divindade criadora. Sua ação consubstancia uma proposta que, abordada desde uma perspectiva abrangente, referida à dinâmica das energias universais, escapa à noção de bem ou de mal tomada em sentido ético estrangeiro à sociedade em que se manifestam. Com efeito, mais do que os métodos utilizados – que inclusive são aceitos pela sociedade como realidade integrante de seu universo de valores – são as suas consequências que geram inquietação na comunidade. Mas, não obstante, esses agentes sociais não devem ser relacionados, em nosso entender, com situações excepcionais eventualmente vividas pela sociedade como, por exemplo, no caso de interferências desestabilizadoras como ocorreu na época da colonização com seus agentes, religiosos e outros, quando as atuações dos 'homens fortes' podem ser solicitadas em um momento de anomia como se fossem válvulas de escape. Isso seria um engano proveniente de interpretação mais periférica pois, ao contrário, do ponto de vista que consideramos mais decisivo – aquele que privilegia os valores

propostos pela sociedade enquanto instrumentos de processos civilizatórios – esses agentes sociais configuram-se como legítimos depositários de conhecimentos específicos que expressam parte desses mesmos valores. Na explicação dessa realidade, ‘bruxos’ e ‘magos’ contribuem para tornar mais objetiva a proposta de que na África negra as forças vitais são elementos indissociáveis da elaboração contínua do mundo e da explicação da realidade.

ABSTRACT: This work is related to an specific type of approach to the problem of possession and witchcraft in black African societies, giving way to place the question at a material and concrete level that transcends merely a religious or psychological focus. This approach involves the notion of a person like if formulated in the frame of civilization values in Africa and the so called vital principle of animality and spirituality in its configuration of *double* or *shade*.